

Ivan Antônio de Almeida

Terceiro milênio, um mundo dessacralizado?

Ensaio publicado originalmente como capítulo do livro *Religiões: Tolerância e Igualdade no Espaço da Diversidade* (2004, pp. 315-321), editado em São Paulo, pela Fala Preta! Organização de Mulheres Negras. Ivan Antonio foi também um dos organizadores da edição, em parceria com Elisabete Aparecida Pinto. O tom coloquial preserva as características da palestra ministrada pelo professor em um dos ciclos de reflexão e debate do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Etnicidade e Saúde da Fala Preta!

Algumas pessoas acham que o mundo nem sequer está dessacralizado. Outros, ainda, podem se sentir inseguros pelo leque de possibilidades que esse título incorpora. Então, partindo dessas possibilidades, resolvi estabelecer algumas referências.

Pois bem, a primeira questão importante a esclarecer é o próprio conceito de *sagrado*.

Por que *sagrado*, por que não *religião*?

Qual é a diferença entre o universo do *sagrado* e o da *religião*?

O que eu quero dizer com SAGRADO?

Para tratar dessas questões, utilizarei uma conceituação pouco comum no campo da sociologia da religião, mas que talvez seja familiar àqueles que estudam o tema ou participam de algumas religiões monoteístas, e a conheçam além dos seus ritos. Refiro-me à diferença entre *essência* e *aparência*; entre aquilo que é o núcleo da questão do sagrado e o que aparece de forma histórica.

Fazem parte do universo do sagrado todas as questões relacionadas com a *busca da verdade*. Assim, toda pessoa que se ocupa do significado da existência humana, que vai além das preocupações com o problema do cotidiano e que tem um compromisso acima de tudo com a busca da verdade e sua revelação, independentemente das inconveniências que isso possa lhe trazer, essa pessoa tem vínculo com o sagrado, e é tida, popularmente, como uma “pessoa religiosa”. Esse fato não implica necessariamente que participe de uma expressão histórica do sagrado, que é determinada pela religião.

As questões que dizem respeito ao campo do sagrado estão na essência das religiões; é o que se chama de aspecto *esotérico* (com s) das religiões. Ao mesmo tempo as religiões se manifestam historicamente em determinado tempo e espaço; esse é o aspecto *exotérico* (com x), externo, manifesto, do sagrado.

Na história das religiões, ou seja, nas manifestações do sagrado, há problemas que, às vezes, distanciam de tal maneira as religiões de sua essência, que elas adquirem um aspecto contrário à própria essência que propõe expressar. No Cristianismo, podemos chamar esses momentos como as épocas de manifestações do Anticristo, isto é, uma manifestação aparentemente cristã, mas que, na verdade, é exatamente o inverso da mensagem original. São os momentos em que os lobos aparecem travestidos de cordeiros.

No Ocidente, problemas diversos geraram concepções equivocadas a respeito da

religião. Muitas pessoas, quando se fala de religião, associam-na a uma vivência negativa. Provavelmente, tiveram contato com o aspecto institucionalizado da religião, com rituais e comportamentos cujo sentido se perdeu, ou mesmo com valores morais incompatíveis com a essência do Cristianismo, que é a prática do amor, do desprendimento, da caridade. Nesse caso, sobraram apenas normas destituídas de sentido. É interessante recordar, ainda que muito brevemente, as razões desse fenômeno.

Um dos fatos marcantes na história do Cristianismo é que, a partir do século IV, os cristãos passaram, repentinamente, de perseguidos e perseguidores.

O Império Romano deu um autêntico golpe de mestre, ao deixar de perseguir os cristãos e utilizar o Cristianismo como uma nova ideologia do Estado Romano. A partir desse momento, é cada vez mais difícil dissociar o poder do Estado da instituição Igreja. Assim, ela deixou de ter aquele sentido original de comunidade, de assembléia, para torna-se uma instituição, primeiro, tutelada pelo poder do Estado (situação na qual permanece em Bizâncio) e, no caso do Ocidente, tornando-se um Estado.

Ao dispor do poder do Estado, ou tornar-se ela própria um Estado, a Igreja transformava o meio, a instituição, num fim em si mesmo. Manter o poder, representado pela instituição Igreja, passava a ser, cada vez mais, a principal preocupação da instituição.

Em todas as concepções do sagrado, a *humildade* é a medida da ascensão espiritual do indivíduo, e *poder e humildade* são incompatíveis. Um anula o outro, necessariamente. Destaque-se, portanto, essa característica de todas as organizações que, ao se institucionalizarem para atender melhor a seus fins, acabam por criar interesses que, de meios, vão se transformar em fins em si mesmos. Não é o caso só da Igreja, mas também dos sindicatos operários, por exemplo.

Daí a grande diferença entre as origens das religiões e as formas que elas tomam no decorrer da História. Se não atentarmos para isso, podemos confundir as manifestações históricas de determinada religião com os princípios expressos pelos seus fundadores. No caso do Cristianismo ocidental, isso ficou muito claro, pelo fato de a Igreja Católica Apostólica Romana ter monopolizado o Cristianismo. O vínculo da Igreja Católica com o poder vai desgastando a Igreja e, por volta do século X ao XIII, registramos uma decadência progressiva. O surgimento de novas ordens religiosas, como a fundada por São Francisco (1181-1226), são tentativas de revitalização do Cristianismo. Uma das últimas grandes expressões de pensamento cristão medieval, Tomás de Aquino (1225-1274) teve 219 teses condenadas pelo bispo de Paris, revogadas somente após sua canonização, em 1325.

A restrição de acesso aos evangelhos, que deixaram de ser traduzidos e, no Ocidente, só estavam disponíveis em latim ou em grego, também contribuiu para essa decadência, pois a fonte do Cristianismo nem sequer no plano literal era acessível. Os evangelhos são lidos em vários níveis e, como qualquer texto, seu espírito é vivificado pelo debate que a sua interpretação exige. Uma leitura apenas literal já era criticada pelos cristãos dos primeiros séculos. Temos uma obra muito vasta e pouco conhecida, dos autores da chamada Patrística (autores cristãos que escreveram antes de 325), que interpreta em vários níveis e de diversos ângulos os evangelhos. É muito interessante ler esses padres antigos. Não é uma coincidência que o desaparecimento da discussão coincida com a institucionalização paulatina da Igreja, seja sob a tutela do Estado Bizantino, no Oriente

(até 1453), seja no Ocidente, com a transformação da Igreja num poder de Estado. Ao chegarmos aos séculos XIV e XV, encontramos um Cristianismo limitado pela normatização da hierarquia e afastado do povo pela dificuldade de leitura dos evangelhos.

É significado que nos primeiros séculos, a Bíblia tenha sido traduzida para várias línguas. Mais tarde, a Igreja do Ocidente proíbe essas traduções, e a Bíblia, assim como as missas e toda a liturgia, são oferecidas unicamente em latim. Note-se que, à diferença do árabe para os muçulmanos, o latim não é uma língua sagrada. Os evangelhos podem ser lidos em qualquer língua, sem prejuízo. Dessa forma, os evangelhos deixam de ser a fonte do Cristianismo ocidental. O cristão só tem acesso aos evangelhos pela versão da burocracia da Igreja Católica Apostólica Romana. A Reforma Protestante (século XVI) parte de dentro da própria Igreja significa uma reação contra essa realidade e contra os abusos da Igreja, como é o caso da venda de indulgências. A partir da Reforma, multiplicam-se as igrejas cristãs no Ocidente e os evangelhos voltam a ser a fonte do cristão, novamente traduzidos em todas as línguas.

É nesse intervalo, entre São Tomás e a Reforma, que se criam ou se enfatizam, no Catolicismo, aspectos que não eram relevantes, tais como o purgatório e o inferno. Como em qualquer pensamento filosófico em crise, a tendência é a geração de dicotomias. Rompe-se, então, a idéia de totalidade e o pensamento se empobrece, com as polaridades. No Cristianismo também. Surge a questão do bem e do mal; do pecado, cada vez mais associado ao sexo. O empobrecimento do Cristianismo ocidental aparece para os cristãos pela sexualização do pecado e pela ênfase na culpa. Aliás, uma coisa curiosa. Recentemente, em uma aula, um aluno me perguntou por que as tentações de Jesus, quando ele estava na montanha, não tinham sexo. Foi uma pergunta interessante. É algo com que Jesus não foi tentado, ao contrário de Buda, que foi tentado sexualmente. Foi uma pergunta que me possibilitou a reflexão de que realmente, no Oriente, nós não vemos essa obsessão pelo sexo, comum no Ocidente. Na Índia do tempo de Buda, era outra a realidade. Não se tratava de uma obsessão, mas se tratava de uma prática. Buda tinha uma posição privilegiada; provavelmente tivesse tido relações sexuais desde muito cedo. Recordar-se que escolheu sua esposa num concurso de beleza. Obviamente, então, o sexo para ele foi uma tentação, pois era um dos prazeres que a sociedade indiana cultivava e que Buda vivenciava. A sexualização do pecado é um fenômeno tardio na Igreja Católica Apostólica Romana. Nas igrejas orientais da Armênia, a Copta do Egito ou a Síriaca, que estão mais próximas do Cristianismo primitivo, a ênfase está na *salvação* e não no pecado.

Esse distanciamento paulatino da Igreja em relação à tradição pode ser ilustrado pela questão do dogma. A idéia de verdades indiscutíveis vai-se afirmando aos poucos e é bem a manifestação da cessação do debate, da repetição de fórmulas que vão perdendo o sentido até se transformarem em algo morto, petrificado. O cristão no Ocidente, até a Reforma, e depois, no âmbito do Catolicismo, ficou na constrangedora situação de ter de aceitar as formulações oficiais sem discuti-las, sem entendê-las, ou deixar de ser cristão, ou pelo menos, cristão católico. A própria palavra “mistério”, que quer dizer simplesmente algo que não está visível, mas que pode ser compreendido e vivenciado, passou a ser algo incompressível, que o fiel deveria aceitar sem perguntas.

Todo esse distanciamento dos primeiros séculos fragilizou doutrinariamente o Cristianismo no Ocidente e criou condições para a crítica do Iluminismo (século XVIII),

agravado pelo fato de que a monarquia absolutista francesa era, nesse momento, sustentada pela ideologia da Igreja Romana. A crítica dos iluministas ficou sendo a crítica da “ciência” em relação à religião, e não a crítica a uma caricatura do Cristianismo.

Assim, chegamos ao século XIX com novos dogmas, no mesmo sentido de algo não discutido: só que dessa vez são os dogmas da ciência. Tudo aquilo que não pode ser provado pelo “método científico”, passa, simplesmente, a não existir!

Hoje estamos, comparativamente, numa situação bem mais confortável. Vivemos um momento de desregulamentação total. Nada que é afirmativo é bem visto; as dúvidas, os questionamentos, por mais superficiais que sejam, são bem vistos. Esta “desregulamentação geral” tem seus aspectos positivos. Um deles é que tudo é possível, até mesmo a importância do universo do sagrado ou a sua necessidade é reconhecida. Pois bem, no meio desta desregulamentação, estamos refletindo sobre um momento de crise e formulando questão que, em outras circunstâncias, não seriam possíveis.

No século XIX, há a construção de grandes referências “científicas”, que pretendem substituir os dogmas religiosos. No caso das ciências humanas, particularmente, surge aquilo que pretende ser uma teoria científica, que é o Marxismo. Ao mesmo tempo em que há um “desencantamento do mundo”, como diz Weber, alimenta-se a ilusão de que todos os problemas do mundo podem ser resolvidos pela “ciência”. No campo da religião, particularmente do Cristianismo católico, a atitude é cada vez mais defensiva, até que o Cristianismo burocratizado se reduza ao espaço do primeiro sopro da criação. É cada vez mais aceita a idéia de que o espaço do sagrado é o espaço *ainda* não incorporado pela ciência. A religião passa a ser o espaço das regras morais, da crença sem explicação, da emoção, do irracionalismo, enfim. É cristão e, particularmente, católico aquele que é batizado, frequenta a missa (cuja a liturgia não entende) e crê sem questionamentos. A religião deixa de ser uma prática de transformação pessoal e de vivência do sagrado para ser uma rotina burocrática e a obediência a regras discutíveis. Esse é o panorama até o Concílio Vaticano II (1961-1965), Concílio esse precursor em relação à tendência universal de desregulamentação, que se torna evidente somente a partir da queda do Muro de Berlim, em 1989. O aspecto mais significativo que resultou desse Concílio foi maior flexibilidade na liturgia e a possibilidade de a missa realizar-se na língua do povo e não apenas em latim.

Ao passar para o Brasil dos nossos dias, a situação da Igreja Católica Apostólica Romana é curiosa. Do ponto vista político, tem-se preocupado com o resultado da política econômica que concentra a renda, empobrece e desestrutura a sociedade. A Igreja Católica é a instituição da sociedade civil mais importante do nosso país e, talvez, a mais crítica em relação a este modelo econômico. Mas em relação ao universo do sagrado, que é uma das dimensões das religiões, sofre do vazio de uma instituição burocratizada.

De um lado, uma de suas tendências procurou “dar conteúdo” à fé popular, por meio da “ciência”, pretensamente representada pelo Marxismo, criando a *Teologia da Libertação*. De outro lado, e em parte como reação a essa tendência à politização da fé, nasce, dentro da Igreja um corrente pentecostal, que é a *Renovação Carismática*. Hoje a Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB) reúne as três principais correntes da Igreja Católica no Brasil: o grupo ligado a burocracia de Roma, o grupo simpatizante da Teologia da Libertação e o grupo ligado a Renovação Carismática. Essas tendências estão hoje unidas para enfrentar o crescimento das novas Igrejas Evangélicas Pentecostais.

Caberia perguntar o que de verdadeiramente religioso existe nesses grupos católicos.

Apenas para ilustrar, as correntes pentecostais têm promovido grande mudança social nas comunidades ligadas a elas, com índices, por exemplo, de alfabetização, de desemprego, de desestruturação familiar, muito menores do que nas famílias de mesma faixa de renda de outras comunidades. Isso é uma verdadeira revolução social. Famílias mais estáveis são mais saudáveis, em todos aspectos.

Voltando à Igreja Católica, ela está, hoje, como doutrina, dessacralizada. Até o termo “teologia” acaba sendo apenas um rótulo para legitimar pontos de vista que pretendem ter uma base “científica”, ou seja, materialista. Esse é o resultado de um longo processo de dessacralização da Igreja Católica que, como dissemos já está manifesto nos primórdios do primeiro milênio e se completa no segundo. Mas é necessário não esquecer que as instituições religiosas também respondem ao seu tempo, o nosso tempo é o tempo da crise, da *desregulamentação* e da *reorganização sobre novas bases*. A Igreja Católica só reconheceu os problemas sociais originados pela industrialização acelerada no final do século XIX. A partir daí, sua referência em relação à questão social é de ser tanto contra o capitalismo como contra o socialismo. É uma atitude de negação, que não encontra na sociedade uma resolução positiva para os problemas sociais. No século XX, setores da Igreja foram simpáticos ao socialismo, particularmente na América Latina, e o resultado mais expressivo dessa simpatia é a Teologia da Libertação. Com a queda dos regimes socialistas e a confirmação da sua impopularidade, ficou um vazio.

Nos dias atuais, observamos fenômenos interessantes, particularmente no Brasil, que podem nos indicar novas tendências. Nos últimos anos vivemos uma “onda esotérica”, bastante duradoura. Aqui estou usando a palavra *esotérica* no sentido comum, mas que também significa “aquilo que está além”; aqui seria “além do oficial”, daquilo que é oficialmente reconhecido como “científico”. É claro que neste, como em outros campos, existem muitos charlatões, mas não é isso que interessa no momento. O aspecto dessa onda esotérica que nos interessa destacar é que ela expressa uma necessidade da população, uma necessidade de pensar no sentido da vida, uma necessidade de pensar o universo do sagrado no campo da metafísica, necessidade essa que as religiões institucionalizadas não satisfazem. A obra de Paulo Coelho,¹ por exemplo, ilustra esse fenômeno e confirma que essa é uma necessidade universal. É certo que sempre houve espaço para uma literatura que não é contabilizada oficialmente. É o caso também de Chico Xavier, ícone da doutrina espírita, uma das correntes do Cristianismo, que vendeu mais de 30 milhões de exemplares dos cerca de 400 livros que publicou, numa produção fantástica.

Muitas pessoas vêem esse fenômeno de maneira negativa. Eu penso o contrário. Penso que o consumo desse tipo de literatura, assim como a curiosidade em relação à astrologia, tarô, búzios, etc., representa uma procura de autoconhecimento. Nessa sociedade onde tudo foi desregulamentado, não há mais espaço para restrições. Esse é o aspecto positivo dessa desregulamentação. Tudo o que antes era restrito a grupos menores e era motivo de risos irônicos, é aceito hoje como parte do cotidiano. As reservas em relação a Paulo Coelho lembram o caso de Jorge Amado, que era discriminado pela cultura oficial. Hoje, toda a sua obra é estudada. Até mesmo teses sobre as receitas que aparecem em seus livros foram realizadas. Há pouco tempo, cerca de 30 anos, Jorge Amado era

1 Os livros de Paulo Coelho foram traduzidos para muitas línguas, sendo sucesso de público em praticamente todas elas. Em julho de 2002, o escritor foi eleito “imortal” pela Academia Brasileira de Letras (ABL).

considerado um autor menor, porque era popular. Com Paulo Coelho acontece algo semelhante. Já existem diversos trabalhos acadêmicos sobre suas obras.

Assim, essa onda que a imprensa chama de esoterismo, eu a vejo de maneira positiva, porque é, no fundo, uma necessidade de sair da escravidão do cotidiano, de dar sentido aos nossos atos, a partir do nosso próprio autoconhecimento. Ora, toda busca de autoconhecimento é positiva e esse é um forte indício de *ressacralização* do mundo, agora em novas bases e, ao que tudo indica, é este o caminho que as pessoas vão trilhando cada vez mais.

Para concluir, não vejo problema algum sobre o fato de as pessoas se voltarem para a religião em épocas de crise; pois, uma época de crise, ou uma situação pessoal de crise, é sempre um momento de revisão, de reflexão sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos. Ao contrário, uma situação de crescimento econômico, quando as pessoas trabalham, ganham dinheiro, aí sim que é perigoso, pois elas podem se iludir com a sua capacidade de consumo e esquecerem-se de que são mortais. Nada melhor que uma crise para pensar sobre a vida com maior seriedade e profundidade.

Enfim, em uma época marcada pela multiplicidade de parâmetros, acredito que a tendência é de recuperação da *tradição*, no sentido da memória dos valores perenes da humanidade, tais como a humildade e a solidariedade. Essa recuperação deve se dar de maneira diferenciada, não como um tradicionalismo, isto é, impondo regras de tempos passados, mas reafirmando os valores perenes, agora de maneira individual (não individualista), valorizando a individualidade de cada um. Para isso, é preciso que as pessoas se livrem de seus apegos, de seus limites, de seus ressentimentos. Uma nova sociedade, pautada no SER e não no TER, está surgindo pelas mudanças individuais, e isso trará conseqüências benéficas ao gerar novos parâmetros, referências para a reorganização social.